

A CRIAÇÃO NO NORDESTE, BASES PARA SEU MELHORAMENTO

EUDES DE SOUZA LEÃO PINTO

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

Ao Brasil está reservado o papel de abastecedor de produtos animais principalmente de carne frigorificada, do mundo. O continente europeu, berço das mais célebres raças bovinas universalmente conhecidas, em tempos idos, bastou-se a si mesmo e aos outros continentes.

O crescente aumento das densidades demográficas de seus países criadores, a progressiva melhora da conservação de vida, o máximo aproveitamento das terras, pelas fundações de culturas capazes de assegurar o equilíbrio da balança comercial, barraram o expansionismo desordenado da criação bovina e provocaram o fenômeno que Lambl chamou “depecoración”. Surgiram as super-especializações das funções zootécnicas. Em breve a Europa assava a importadora de carnes, enquanto os Estados Unidos assumiram liderança entre produtores.

Causas idênticas às enunciadas com referência ao continente europeu levaram-no à categoria de importador. Eram as glebas em hospitais do Oeste, livres até então da sanha de trabalho do homem, servindo de “habitat” aos animais rústicos, para os quais as atenções dos criadores voltavam-se exclusivamente na época da matança, que sofriam a adaptação aos princípios que regem a Agricultura Moderna e com ela submetida a um trabalho mais nobre, qual o de fornecer de modo direto os elementos do sustento humano. Com uma superfície de 7.800.000Km² ocupando o terceiro lugar em relação à população bovina com mais de 60.000.000 de cabeças sendo os

Este artigo foi tema do discurso do Acadêmico Eudes de Souza Leão Pinto, como orador da turma de Agrônomos de 1940, no Salão Nobre da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, Recife, 08 de dezembro de 1940. Artigo publicado no **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**, v. VIII, n. 1, jul., 1941. p. 14-19.

O autor nasceu no Recife, Pernambuco, em 08 de julho de 1920. Engenheiro Agrônomo, turma de 1940 da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP). Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco no período de 1951 a 1953. Professor Catedrático de Genética na UFRPE. Vice- Ministro do Ministério da Agricultura. Presidente do INDA. Professor Emérito e “Doutor Honoris Causa” da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Titular da Academia Nacional de Engenharia. Presidente Emérito da Associação Comercial de Pernambuco. Idealizador, criador e Presidente da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

primeiro e segundo lugares ocupados respectivamente pelas Índias (148.000.000) e pela Rússia (67.000.000). O Brasil com a superfície de 8.494.336 Km², não lhes pode ficar na retaguarda com 41.000.000 aproximadamente.

As Repúblicas Platinas: Argentina e Uruguai, fontes de alimentação dos mercados importadores de carnes, principalmente a Argentina, com a elevação dos preços de seus terrenos, vêem a indústria pastoril deslocada, pelo cultivo da terra em lotes coloniais. Estas repúblicas ocupando ainda hoje os primeiros lugares na criação em de exportação terão de mais tarde cedê-los ao Brasil. Quando a nação desperta da letargia e mobiliza todas suas forças sociais e econômicas, para com o progresso, escalar a muralha da rotina e do empirismo que a separa de nações poderosas do mundo, a pecuária deve ser fator de potência da máquina para o seu alecamentamento. Já com muita razão disse Rino Natal Tosello: “A agricultura e a pecuária representam, indiscutivelmente, os esteios desse grande prédio que é a economia nacional, sobressaindo aos demais na imaginativa figura urbanística dos países novos”.

A contribuição do Nordeste é de aproximadamente 4.500.000 indivíduos. A finalidade da criação, predominantemente é a de produzir animais de corte. A função leiteira é explorada nas circunvizinhanças dos centros populosos, ou onde vicejam as indústrias de laticínios. Se os bovinos que satisfazem a utilidade leiteira tratados em sistema intensivo, com estabulação completa ou semi-estabulação, sujeitos às simples atenções do homem fazendeiro, ou às acuradas atenções do homem leiteiro, ainda não satisfazem plenamente os atributos econômicos necessários, que diremos dos bovinos de corte? Sem caracteres étnicos definidos, sem atributos econômicos satisfeitos, exigem daqueles que se dedicam à Zootecnia: esforço, perseverança e perfeita orientação prática.

Sob o prisma etnológico constituem uma amalgama racial, fruto de gostos e caprichos pessoais dos que desempenharam a missão de criar, propendendo para tipos divergentes, que na maioria dos casos não satisfaziam aos fins determinados, sem conhecimentos zootécnicos, imbuídos de idéias expostas em livros cujos autores falavam para outras plagas, cujos problemas e soluções longe estavam de equiparar-se aos nossos. Sob o prima econômico com peso vivo inferior a um terço, dos seus congêneres especializados, com um rendimento líquido em carnes de 40 a 45, enquanto aqueles com 58 a 70%, fogem a qualquer apreciação.

Abordando tal assunto não posso deixar de citar um trecho da tese do conhecido Zootecnista, Diretor da Produção Animal neste Estado, Dr. Renato de Farias:

“Temas da Pecuária Nordestina”: Não temos em rigor, problemas difíceis, temos, por vezes, dificuldades na mobilização de duas condições essenciais: da técnica e dos meios materiais indispensáveis. Há indiscutivelmente, uma série de problemas a resolver a bem da riqueza pecuária do nordeste; há um problema de adaptação de raças e de aumento nos efetivos dos rebanhos locais; como há problema de melhor organização e aproveitamento dos campos de pastagens, das culturas forrageiras e dos sub-produtos industriais utilizáveis na alimentação dos animais. Há um problema de defesa sanitária dos rebanhos, afim de que os incentivos à produção, não sejam prejudicados pelos lastimáveis efeitos das doenças do gado; como há um problema de orientação e controle da produção, no sentido de assegurar as garantias que se possam oferecer, ampliando-se por essa forma, as possibilidades de consumo e a órbita do comércio”.

Trecho que nos mostra todos os alvos, para que assestando nossas baterias, demos início à luta contra a tão radicada fantasia de impossibilidade de criação racional no Nordeste.

As alegações de que as condições mesológicas não são adversas, como se a criação fosse unicamente função do tempo, independente do empreendimento humano, não procedem. A Argentina que se destaca no cenário da criação universal pela excelência dos seus produtos, sofre também a ação do meio. Alta percentagem dos seus rebanhos sucumbe ao calor abrazador do verão, ao frio intensíssimo do inverno, às secas desoladoras, que reduzem pastos e vestígios, terra a poeira e gado a esqueletos incapazes de resistirem ao toque do *pampeiro* tempestuoso.

A nós colegas de profissão, impõe-se-nos o dever de relegar para um plano secundário todos os contratempos, todas as dificuldades surgidas, que possam obstar o desenvolvimento da pecuária bovina, dentro da redoma que nos oferece a natureza aliada aos princípios modernos da Zootecnia.

Problemas de adaptação de raças e de aumento nos efetivos dos rebanhos locais

Como condição primordial para o melhoramento do rebanho bovino, surge o aumento do seu efetivo. Não um aumento desordenado em que haja preocupação do fator quantidade, mas sim aquele que se irmanar com o fator qualidade, segundo os princípios da genética animal.

Melhorar é preparar o indivíduo para fornecer o máximo de utilidade ao homem, dentro das possibilidades orgânicas; é criar a função máxima compatível com a

constituição genotípica e fenotípica do indivíduo.

Como melhoramento temos em Zootecnia: a seleção e o cruzamento.

Selecionar é constituir uma raça adaptada às condições locais; é buscar a formação de biótipos que satisfaçam inteiramente às finalidades zôo-econômicas. O êxito na sua prática, implica na valorização do rebanho bovino. Não nos faltam animais com notável conformação, grande fixidez de caracteres e certa aptidão produtiva. Restam estudá-los, aproveitando-os e livrando-os da influência de fatores indesejáveis. A seleção utiliza caracteres fixando-os ou tolhe suas presenças, eliminando-os, mas não so cria, não os provoca. Este papel desempenha o cruzamento.

No cruzamento pressupõe-se uma raça melhorante e outra a melhorar, ou melhorada. O grande busulus do seu sucesso está na escolha da raça melhorante.

Não é demais repetir as considerações de Kronacher, contidas nos seguintes itens e que nos ditam o critério da sua escolha:

- a) Raças que por sua propensão possam completar-se no cruzamento;
- b) Raças que possuam fatores dominantes capazes de fortalecerem as propriedades morfológicas ou fisiológicas favoráveis e determiná-las ao agruparem-se;
- c) Indivíduos que possuam ditos fatores em perfeita homozigose;
- d) Indivíduos cujas tendências importantes conduzam-se como epistáticas.

É imprescindível nela, a presença de caracteres pré-adaptativos que garantam a perfeita continuidade das funções vitais e utilitárias do indivíduo alienígena no novo ambiente.

E em relação ao cruzamento, qual ou quais os indicados para a criação do Nordeste?

O cruzamento industrial, graças às vantagens provenientes da “heterosis”, deve encontrar proveitosa aplicação em nosso meio criatório. No entanto, mais propriamente, recomenda-se o absorvente, contínuo ou progressivo, ligado periodicamente ao “retrempe” ou de refrescamento. Leva-nos a esta assertiva as facilidades decorrentes para o criador, que necessitará unicamente do reprodutor, podendo assim prodigalizar-lhe maiores cuidados e melhores tratos.

O Nordeste em virtude de suas condições mesológicas, predominando o fator climático, requer como medida preliminar, para um cruzamento de melhoramento, o lastro zebu, garantidor de rusticidade absoluta, de completa sobrevivência ao meio físico. Pelo cruzamento absorvente, contínuo ou progressivo com raça nobre, chegue-se a perfeita homozigose de caráter ou caracteres, decorridas algumas gerações. Mas,

ao par da acentuação do caráter a melhorar, corre o enfraquecimento, a debilidade orgânica.

Sabemos que as ultra-especializações levam os indivíduos ao estado de máxima predisposição às perturbações orgânicas. Urge, pois, que evitemos tal enfraquecimento, tal debilidade, pelo cruzamento de “retrumpe” ou refrescamento, em que há nova infusão de sangue do elemento rústico.

Transcorrido determinado espaço de tempo, tem-se uma nova raça, adaptada às condições locais, com identidade genotípica e tendente à completa uniformização dos caracteres fenotípicos.

Problema de melhor organização e aproveitamento dos campos de pastagens, das culturas forrageiras e dos sub-produtos industriais utilizáveis na alimentação dos animais

O nosso sistema de organização e aproveitamento dos campos de pastagens, com raras exceções, é precário.

Na vastidão da caatinga, em sistema de criação ultra-extensiva, perdem-se os bovinos à procura dos seus sustentos e do pouco d'água capaz de mitigar sua sede. E nessas caminhadas extensas, sob a ação do sol causticante, provocando-lhes uma transpiração excessiva e conseqüente carência de elemento líquido para as funções orgânicas, vão-se as calorias obtidas a custa do minguado alimento, quando o próprio organismo não se sacrifica para emprestar-lhes. Do choque entre o meio inhospito e agressivo e a espécie animal, que obedece ao princípio imutável da natureza, o da conservação, surge o tipo bovino, produto de atrofia, desprovido de aptidões econômicas, mas capaz de subsistir. Como resolver tal problema? Posto em equação, sua no sertão, para despertarmos sua fabulosa potencialidade, para transformarmos os terrenos estéreis de hoje, em terrenos férteis de amanhã. Uma vegetação luxuriante brotará desse solo atualmente avaro para o homem, fixando-o e atraindo-o, obrigando-o enfim a gozar a bonança resultante das atividades realizadoras de seus semelhantes.

As colossais Obras Contra as Secas, aí estão para atestar a influência vital do elemento líquido na modificação do fácies geológico. Enquanto sua órbita de ação não cobrir a vasta área do Brasil Norte-Oriental, devem ter lugar as iniciativas privadas, dentro do espírito de cooperação. As havemos de convir na inexequibilidade da construção de açudes em certas zonas, quer pela falta de bacia hidrográfica, quer pela situação monetária dos criadores. Os poços tubulares ou artesianos poderão, nesse

caso, suprir com vantagens sua falta. Dispondo d'água o criador está aparelhado para melhor organizar e aproveitar os campos de pastagens; limitando-os, ficando o gado, assim mais às suas vistas, evitando perdas por carência de assistência; alternando-os no pastoreio, permitindo as contínuas restaurações de pastagens.

O terreno agrostológico permanece inulto à espera de estudiosos que para si propendam. O próprio ambiente seco, oferece-nos plantas que, apetecidas pelos animais, providas de grandes massas alimentares, de coeficiente de digestibilidade e valores nutritivos que satisfazem, são ainda relegadas, sem aproveitamento.

A fenação e plantação de cactáceas são medidas que já encontram eco em nossas zonas pastoris. Os sub-produtos industriais de pouco valor aparente, fornecem princípios que alimentam a máquina animal e geram produtos de valores reais. Dadas as suas maiores ocorrências, hoje, nas zonas secas, graças às fundações de novas indústrias, cabe-nos aproveitá-los, passando-os na engrenagem da máquina animal, para constituição de novas riquezas: produtos e sub-produtos animais.